



31/5/2010

Festa do corpo eucarístico = Festa do Deus encarnado



Maria Clara Lucchetti Bingemer

A festa de Corpus Christi - do mistério da Eucaristia, do Corpo e Sangue de Jesus Cristo dados em alimento e bebida para a vida do mundo – nos relembra alguns dados centrais da fé cristã, da mística dela derivada e da teologia que sobre ela reflete.

Centrado no mistério da encarnação, o Cristianismo, não menospreza o corpo, mas o inclui em sua reflexão e discurso e o situa em lugar proeminente ao refletir e falar sobre o mistério do divino. A experiência da Transcendência no cristianismo é a experiência de um Deus encarnado. Portanto, é uma experiência que passa pela corporeidade. Fora deste dado central e indispensável, não há cristianismo.

Desde sempre, para o Cristianismo, não havendo encarnação, não existe igualmente a possibilidade de a Transcendência assumir todas as coisas em seu interior e viver a história passo a passo, por assim dizer “na contramão” de sua eternidade. Não havendo encarnação da Transcendência - mistério que a humanidade não pode alcançar por suas próprias forças, mas que a Revelação cristã atesta haver sucedido na pessoa humana de Jesus de Nazaré, - não é possível haver aliança entre a carne e o Espírito. A Transcendência ficaria, pois, para sempre banida das possibilidades do pensar e do falar humanos.

No entanto, ‘... o Verbo se fez carne’, proclama o poema-prólogo que abre o evangelho de João (Jo 1,1s). Desse Verbo, Palavra Transcendental e primeira, o evangelista dirá igualmente que “habitou entre nós” (v. 18), não somente no sentido histórico de Deus que se manifestou na pessoa de Jesus de Nazaré, mas também na dimensão da profundidade com que atinge a natureza humana: nosso ser é habitado pelo divino e se diviniza na mesma proporção em que se humaniza. A terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo, habita em nós e em nossa finitude e caducidade, em nosso corpo frágil geme e clama “Abba, Pai!” e pronuncia “Senhor Jesus”. Nada do que é humano, - e, portanto, corpóreo - é estranho ao divino segundo o Cristianismo. E toda nova descoberta e toda nova ênfase do pensar e do falar cristãos em termos de humanidade vêm não ameaçar sua identidade, mas pelo contrário, alimentá-la, nutri-la, fazê-la mais verdadeira. Ao contrário, toda tentativa de escapar e minimizar a corporeidade e a carne é tentação que descaracteriza a fé cristã, em sua dinâmica histórica e encarnatória.

Confessar que o Verbo se fez carne e o Espírito foi derramado sobre toda carne implica, pois buscar a experiência e a união com a Transcendência que assim se comunica com a humanidade através desta carne e desta corporeidade, a partir da qual somente é possível experimentá-la.

A partir desta convicção central cristã de que o corpo humano é condição de possibilidade da encarnação e, sobretudo da experiência do divino, a festa de Corpus Christi adquire, aos olhos da teologia, uma luminosidade toda especial. Esta festa nos recorda – como nos diz Frei Betto - que o cristianismo é por excelência a religião da economia dos corpos, pois no batismo nosso corpo é lavado no Sangue de Cristo. Na eucaristia, ele se nutre do Corpo de Deus. No matrimônio, “numa só carne” os corpos se fundem no amor que transubstancia o carinho em liturgia e a sexualidade em fonte prazerosa de vida.

A própria identidade humana, pois, é a de ser espírito encarnado. Essa união entre polaridades aparentemente irreconciliáveis não deixa de trazer algum nível de tensão e conflito. Essa tensão dolorosa e atribulada, mas não menos fecunda, é a de um espírito que deseja a comunhão com o divino metido numa carne que não é impedimento, mas mediação para essa comunhão. Carne essa que, no entanto, ao mesmo tempo em que convida à comunhão, relembra cruelmente os limites e os obstáculos da finitude humana, condição inelutável para o ser humano, convidado pelo Deus vivo por pura graça para ser parceiro de comunhão.

A mística cristã é, pois inseparável da corporeidade vulnerável e mortal que o próprio Jesus Cristo tomou em sua encarnação. Quanto mais profunda a união entre o ser humano e Deus, mais o ser humano se aprofunda em sua humanidade, pois é somente aprofundando-se nela que encontrará mais profundamente seu Deus.

A Epifania da Transcendência se dá - em desejo doloroso e gozoso ao mesmo tempo - ao apalpar os limites da carne mortal e caduca e experimentar o desejo do infinito que habita todo homem que vem a este mundo. Nesta fraqueza é que brilha sua força e beleza. Neste limite se dá a presença Santíssima do Senhor Encarnado que adoramos presente nas espécies do pão e do vinho e que comungamos neste mesmo pão e vinho crendo que é sua pessoa mesma que nos alimenta e vai nos transformando nele mesmo. . Nesta condição humana finita e mortal acontece a kenosis do Verbo que tinha a condição divina, mas a ela não se aferrou. Assumindo essa kenosis numa vida de serviço humilde e gratuito aos outros, o ser humano se faz ele mesmo eucaristia, oferecendo aos outros seu corpo transubstanciado em Eucaristia para que o mundo creia e se alimente, para que não falte massa no forno, pão na mesa e vinho na festa.

Celebrando a festa do Corpo de Cristo estamos proclamando bem alto que Jesus Encarnado é o verdadeiro amor do qual os outros amores são pálidos reflexos. Jesus que, no entanto se deixa experimentar nestes outros amores e não fora deles. Comungando o corpo de Jesus aceitamos então ser responsáveis pelo corpo dos outros e outras para que tenham vida e vida em plenitude. A Eucaristia é sinal dessa união e desse compromisso inefáveis e revitalizadores.



imprimir

Fechar